

Esta deve ser uma bandeira do Diálogo: defender minorias, protestar sempre contra qualquer ataque feito a grupos indefesos.

Lembro que, quando da explosão da bomba contra a Association Mutual Argentina, em Buenos Aires, com mais de 90 mortos, a maioria não judeus, promovemos imediatamente uma reunião do diálogo na minha casa para, em nome do diálogo, lavar o protesto que nunca foi publicado ou divulgado por falta de assinatura da parte cristã.

A ausência de responsáveis dispostos a assinar o manifesto caricoca foi explicada posteriormente como resultado de sua série de mal entendidos desencontros mas é fato que não se pode repetir. E já estava se repetindo pois, se estão lembrados, quando a igreja do Bispo Edir Macedo atacou os umbandistas, a igreja católica não quis se imiscuir na questão nem se manifestar contra as agressões. E os

judeus que se manifestaram isoladamente foram taxados de “umbandistas” e diretamente implicados. Ora, se escolhermos o grupo a quem devemos defender, corremos o risco de como na história da Segunda Guerra:

Quando vieram buscar os judeus, eu nada falei, porque não sou judeu...

Quando vieram buscar os homossexuais, nada falei porque não sou homossexual

Quando vieram buscar os ciganos, nada falei, porque não sou cigano...

Quando vieram me buscar, ninguém falou por mim porque não havia mais ninguém...

**Diane Kuperman** é Doutora em Comunicação pela UFRJ e Membro da Associação Religiosa Israelita - RJ

## NOSTRA AETATE - 30 ANOS DEPOIS

*Irmã Alda*

Recordar este documento, ou seja, esta DECLARAÇÃO, assinada há 30 anos atrás, a 28 de outubro de 1965, por 2.221 Bispos da Igreja Católica, de todo o mundo, entre 2.312 votantes, segundo as estatísticas do Concílio Vaticano II, equivale a reportar-nos a essa época e às circunstâncias que a motivaram: a inquietação com a situação da Igreja interna e externamente, levam o Papa João XXIII, de feliz memória, a convocar aquela augusta assembléia, cume da caminhada da Igreja, sobretudo no que se refere à evangelização do mundo moderno. Era necessário refletir sobre a sua própria natureza e a abertura ao diálogo com as outras religiões. O espírito ecumênico que informou o Concílio, como tela de fundo, se viu favorecido pelo desenvolvimento, nos últimos 50 anos, das ciências bíblicas. O redescobrimento do hebraico, como língua atualizada, fez com que se retomasse, com maior precisão, o sentido profundo dos ensinamento de Jesus - por sua vez redescoberto como “nascido do seu Povo”. O “background” da reunião foi iluminado, também, pelo “Movimento Ecumênico”, propriamente dito, dos Cristãos entre si, começado oficialmente, entre as Igrejas protestantes, em 1910, dando

origem, mais tarde, ao “Conselho Mundial de Igrejas”, com sede em Genebra (1948). A iniciativa católica, neste sentido, data de 1935, com o Pe. Couturier, que iniciou um diálogo, na França e na Bélgica, que deu origem à “Semana de Oração Pela Unidade dos Cristãos”, vigente até hoje. Dentro deste contexto histórico e desta preocupação interna dos Padres Conciliares, foram surgindo, por inspiração do Espírito Santo, Documentos, Decretos e Declarações, entre as quais aquela que nos referimos hoje, NOSTRA AETATE, que passou, mais tarde, a ser chamada “a Carta Magna do Diálogo Religioso da Igreja com as religiões não-cristãs.”

Voltar a esse momento Conciliar equivale, também, para mim, pessoalmente, o ter participado de uma reunião em Roma, convocada pela Superiora Geral de nossa Congregação, durante a qual tivemos a oportunidade de ouvir palestras de participantes do Concílio, como o Pe. Gregory Baum, Roger Shultz e outros, e de ser testemunha do regozijo pela aprovação, um pouco mais tarde, da Declaração NOSTRA AETATE, em cuja gênese e pela qual havíamos trabalhado, como diz o francês, “entre les coulisses”.

Tivemos uma entrevista com o Cardeal Bea, que nos estimulou a viver em profundidade a nossa vocação, "mais atual do que nunca", disse ele. Desde então a Congregação tratou de abrir Centros Ecumênicos e de Diálogo Católico-Judaico, assim como de Documentação e Difusão, como o SIDIC-ROMA, o SIDIC-PARIS e o da Bélgica. Também em Londres, na Austrália, nos Estados Unidos e no Brasil se seguiu a mesma orientação; em Costa Rica e, atualmente, na Argentina também se procura por em prática o caminho do Diálogo preconizado pela DECLARAÇÃO: Estudos Bíblicos e Diálogo Fraternal. Esta foi, igualmente, a orientação para a aplicação da mesma AMÉRICA LATINA, como se verá um pouco mais adiante, acrescentando-se o aspecto Litúrgico e o da Ação Social Comum. Apesar das dificuldades, dos altos e baixos da incrementação do referido Documento, o mesmo se revela, desde um primeiro momento, de caráter **irreversível**.

O Papa João XXIII - de feliz memória - o havia confiado ao Cardeal Bea, pedindo-lhe um esquema sobre as Relações da Igreja Católica com o Judaísmo para ser tratado pelos Padres Conciliares. Para esse trabalho específico o Cardeal Bea convidou três "experts" (peritos): o Padre Gregory Baum, do Canadá; Mons. J. M. Oesterreicher; e o beneditino Leo

Rudloff, do Mosteiro da Dormição, de Jerusalém. Diz o Padre Humberto Porto, em seu livro "Os Protocolos do Concílio Vaticano II sobre os Judeus", de 1983, que "grande parte do êxito da gigantesca tarefa a que se abalanchava o bondoso Papa João XXIII deve ser creditada à poderosa personalidade do Cardeal Agustin Bea (1881-1968) - Biblista de mão-cheia, falava fluentemente latim, italiano, francês, português, alemão, e dominava o grego antigo, sírio, hebraico e aramaico. Fazia parte de quase uma dezena de organismos internacionais de Roma.

Para centralizar todos os esforços ecumênicos, o Papa criou algo de absolutamente novo e sem precedentes, o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, colocando-o à testa, como Presidente. Como tal entrou em contato com dirigentes não-católicos em países como Áustria, Alemanha, Inglaterra, Dinamarca, Estados Unidos e Suíça. Ao longo de sua exaustiva "tournee" de 1960 a 1963, o Cardeal repetia como um refrão a fórmula muita cara ao Papa: "A verdade, com amor". Em Nova York organizou uma reunião inter-religiosa que contou com expressiva participação, e ficou conhecida como "festa do amor fraternal".

Nesta festa ele declarou que era "dever primordial de todos os grupos humanos unirem-se para vencer os ódios do passado". Seguiu-

se uma série de conferências teológicas durante as quais não deixava de enfatizar os principais fundamentos da luta contra o antissemitismo, "em nome da autoridade pontifícia". Após 8 conferências públicas foi tão delirantemente aclamado que a imprensa o saudou com o título de "Pater Oecumenicus" e "depositário das esperanças judaicas". De fato o Cardeal Bea lutou por elas, durante a primeira sessão do Concílio, em que foi apresentado o projeto do que veio a ser a Declaração NOSTRA AETATE, tendo sabido escutar pacientemente, conduzir os debates, dissipar as dúvidas e corajosamente defender os objetivos. As dificuldades foram tão grandes que no intervalo entre a primeira e segunda sessão do Concílio ainda não se tinha podido chegar à votação para aprovação ou não do documento. A viagem de Paulo VI a Israel, já que João XXIII havia falecido em 1963, foi um fator de pacificação de muitos espíritos e os dias transcorridos entre uma sessão e outra deram oportunidade ao Cardeal e ao Secretariado de reformular o Documento, conservando os pontos nevrálgicos expostos na primeira redação, e transformando outros pontos menos importantes, em atenção às objeções recebidas nas primeiras sessões do Concílio em forte oposição, algumas vezes ao conteúdo da Declaração. Seu caráter, no

entanto, veio a ser "irreversível", como disse um pouco mais acima. Coube ao Papa Paulo VI a ratificação da DECLARAÇÃO, que constou dos seguintes termos: "O conjunto e cada um dos pontos enunciados nesta Declaração agradam aos Padres Conciliares e a nós, pela autoridade apostólica que Cristo nos confiou, juntamente com os veneráveis Padres. No Espírito Santo o aprovamos, decretamos e estabelecemos. E, além disso, ordenamos que o que foi determinado em Concílio seja promulgado para glória de Deus".

A Declaração é uma palavra PROCLAMADA. A palavra que ressoa, ainda hoje, no fruto da ação dialogal promovida graças a ela, que é o ACORDO FUNDAMENTAL entre a SANTA SÉ e o ESTADO DE ISRAEL. No artigo 1º deste tratado se lê: "A SANTA SÉ deseja afirmar o respeito que a Igreja Católica tem para com as outras religiões e seus adeptos, segundo esta dito solenemente, pelo Concílio Vaticano II, em sua DECLARAÇÃO sobre as Relações da IGREJA CATÓLICA com as Religiões não-cristãs, NOSTRA AETATE": Este importantíssimo documento, que hoje estamos comemorando, e é tantas vezes citado pelo Papa João Paulo II em seus inumeráveis discursos ao longo do seu Pontificado, foi, realmente, de inspiração divina, em sua gênese e em sua proclamação, sobretudo no

que se refere ao nº 4, dedicado especialmente sobre a atitude cristã com relação ao Judaísmo. Palavra que ressoa, atualmente, também, quando da visita do Papa João Paulo II à Sinagoga de Roma. Em seu discurso, o Santo Padre cita 3 pontos importantíssimos que foram os que nortearam todo e qualquer diálogo com o judaísmo, e iluminam o ensino católico, desde então, aí onde a Declaração é conhecida e estudada, e aí onde ela chega como "espírito", como orientação de atitudes, ainda que não o faça explicitamente:

1) O reconhecimento do vínculo espiritual que une o Cristianismo com a Religião Judaica; um rico patrimônio, um convite à mudança de atitudes.

2) A afirmação de que não há uma "culpa coletiva", "atávica", do povo judeu, na morte de Jesus; o que se deu em sua paixão "voluntariamente aceita foi para a salvação de todos", diz o texto.

3) A certeza de que o povo judeu PERMANECE "muito querido de Deus" - sua "vocação é irrevogável, por que Deus não se arrepende dos seus dons".

Preservando o vínculo e a identidade de cada Comunidade, a Declaração recomenda um conhecimento e apreço mútuos que se adquirem, sobretudo, pelos estudos bíblicos e o DIÁLOGO FRATERNO. Baseados nisto, os católicos, no decurso destes 30 anos, rece-

beram da Igreja outros Documentos, como ORIENTAÇÕES e SUGESTÕES para a aplicação de NOSTRA AETATE (1974) e NOTAS para uma correta apresentação dos Judeus e do Judaísmo na catequese e na homilias" (1985) - documentos, estes, que explicitam questão e estimulam, como disse João Paulo II no fim do seu discurso na Sinagoga, ao convidar a Comunidade Judaica a colaborar, para a solução dos males que manifesta a sociedade atual: "Ao fazer isto, me permito dizer, seremos fiéis aos nossos respectivos compromissos mais sagrados, mas também a aquele que nos une mais profundamente e nos reúne: A FÉ EM UM SÓ DEUS QUE "AMA OS ESTRANGEIROS" E "FAZ JUSTIÇA AO ÓRFÃO E A VIÚVA" (Deut. 10,18) comprometemo-nos, também nós, a amá-los e socorrê-los (cf. ibid. e Lev. 19,18.34). Os cristãos aprenderam esta vontade do Senhor através da TORÁ que venerais, e de Jesus, que levou até as últimas consequências o amor pedido pela TORÁ.

Resta-nos, agora, perguntar-nos, sobre a aplicação daquela "PALAVRA PROCLAMADA" e tantas vezes repetida.

Já em 1972, o Padre Cornelius Rijk, do Secretariado do Vaticano para as relações Religiosas com o Judaísmo, respondia à pergunta das Religiosas de Sion, das quais era Capelão, sobre o que havia de concreto a esse respeito:

"O fato do Concílio Vaticano II ter tratado, pela primeira vez, na História, das Relações entre a Igreja e o Judaísmo, provocou, sem dúvida, para esta questão, um interesse jamais conhecido na História. A Declaração não foi perfeita e sua aplicação está longe de ser completa. Entretanto, um bom número de Conferências Episcopais - nacionais ou continentais - publicaram diretrizes para orientar e estimular o trabalho neste campo: A Conferência Episcopal Latinoamericana (CELAM), a dos Estados Unidos, da Holanda, da Áustria... e muitas outras. Junto ao Secretariado pela Unidade dos Cristãos, existe, em Roma, uma repartição especial para as Relações entre Judeus e Católicos. Ao mesmo tempo, muitos grupos de AMIZADE JUDEU-CRISTÃ, já existentes, tomaram novo impulso. Observa-se um incremento da colaboração entre católicos, protestantes e judeus, em muitos países. Colaboração não somente social, senão, também, religiosa.

O ensino do Judaísmo e da Tradição Judaica é considerado cada vez mais necessário e indispensável nas Universidades, Seminários e Instituições de ensino religioso.

Existe um intercâmbio de visitas entre personalidades judias e cristãs. Nesse contexto, torna-se necessário mencionar o "COMITÉ DE LIAISON" entre a Igreja Ca-

tólica e o Congresso Judaico Mundial, que se reuniu, pela primeira vez, em França - dezembro de 1971.

Entre as dificuldades, o Pe. Rijk citou as questões de ordem sócio-políticas do momento: a guerra do Vietnã, o Pakistão, a confrontação entre as grandes potências, o desconhecimento da China, a violência em muitos países... a questão dos Direitos Humanos, a renovação juvenil, o desenvolvimento do "TERCEIRO MUNDO", o crescimento do racismo, etc, etc... Ao perguntar-se a si mesmo se estes problemas urgentes seriam incompatíveis com o campo de trabalho judeu-cristão, respondeu: tudo isso entra na perspectiva messiânica expressada na Bíblia, tanto pelos Profetas como por Jesus mesmo.

Poderíamos transplantar essa preocupação para os nossos dias e responder da mesma maneira... porque o nosso diálogo é, sem dúvida, um diálogo religioso. Reconhecer o outro, valorizá-lo na sua fé é o mais profundo aspecto de um diálogo religioso, e a colaboração entre ambos uma necessidade, pois o DIÁLOGO NÃO É UM FIM EM SI MESMO. NA AMÉRICA LATINA o DIÁLOGO se iniciou nesse espírito, por uma reunião em Bogotá, Colômbia, nos dias 20 e 21 de agosto de 1968, sob os auspícios do CELAM (Conferência dos Bispos da América Latina) e da B'nai B'rith. Tratava-

se de por em prática as diretrizes de NOSTRA AETATE em nosso continente.

Os pioneiros deste trabalho foram: Rabino Léon Klenicki e o Padre, hoje Monsenhor Jorge Méjia, dois grandes argentinos militantes do DIÁLOGO entre Judeus e Cristãos. Na palestra feita então, o rabino dizia: "É necessário começar a dialogar com a tristeza da recordação (de dois mil anos de desencontros) mas, também, com o desejo sincero de dirigir-nos a palavra, para entender-nos, desejando buscar aqueles elementos da herança comum que nos ajudem a projetar nossa mensagem religiosa conjunta num mundo indiferente à palavra de Deus. E, mais adiante: temos que compartilhar, ambos, a fé messiânica em um futuro que dará ao homem algo melhor que o presente do nosso tempo".

Entrevistado, atualmente, em 1992, depois de 20 anos no setor do Diálogo, Léon Klenicki considera que "o momento-chave das relações judeu-católicas foi a publicação de NOSTRA AETATE", e afirma que "desde então, tem havido uma evolução lenta, mas firme". E Monsenhor Jorge Méjia, também dizia, em seu discurso: "Duas tradições religiosas diferentes podem adotar reciprocamente uma série de atitudes: podem combater-se, podem ignorar-se e podem tratar de encontrar-se... Isto

é, certamente, o mais difícil. Mas é necessário, pelo menos nos dias de hoje, tanto por razões elementares, históricas - que não vem ao caso expor longamente - quanto porque isto supõe um mútuo reconhecimento entre ambas, como religiões que têm algo para contribuir para os seres humanos, em sua relação com Deus e em sua conduta com relação a seus semelhantes".

Monsenhor Méjia, hoje à frente da Comissão "Justiça e Paz", do Vaticano e quem acompanhou o Papa em sua visita à Sinagoga de Roma, acrescenta: "A ignorância recíproca não se dissipará somente com diálogos teológicos". Assinala a EDUCAÇÃO, nessa tarefa, como "essencial e insubstituível". Por esta razão se continua estudando a forma de MELHORAR A IMAGEM que os católicos recebem, dos Judeus e do Judaísmo, através da catequese, da liturgia, e da pregação. Esperamos que, do lado judaico, se faça o mesmo.

*Voltando ao caminho percorrido na AMÉRICA LATINA*, desde 1968, posso dizer que as reuniões se seguiram, promovidas pelo CELAM, na seguinte ordem:

1969 - ROMA - Reunião de "expertos" em Bíblia e Relações Judeu-Cristãs, da Europa e da América.

1972 - Em LIMA, Peru: Análise da aplicação de NOSTRA AETATE em nosso Continente.

1974 - SAN MIGUEL - Argentina. Foi tratado o tema PAZ e se estudaram as ORIENTAÇÕES PASTORAIS do Comité Episcopal Francês para as relações com o Judaísmo.

1975 - SÃO PAULO - Brasil. Avaliação da "Nossa presença na América Latina" - a de cristãos e judeus.

1976 - BOGOTÁ - Colômbia. Esta reunião contou com a presença de Pierre de Contenson, Secretário da Comissão para as Relações religiosas com o Judaísmo, de Roma e teve como tema o estudo das "ORIENTAÇÕES E SUGESTÕES para a aplicação de NOSTRA AETATE, documento recém-saído da Comissão do Vaticano para estes fins.

1977 - SÃO JOSÉ de COSTA RICA - Ali, se fez a pergunta: "É O DIÁLOGO UMA TAREFA DE ESPECIALISTAS OU UM COMPROMISSO DE COMUNIDADES?".

Depois desta reunião, houve um longo espaço entre as conversações, por diferentes motivos. As mesmas recomeçaram em

1984 - BUENOS AIRES, Argentina. Desta vez foram tratados temas práticos, como:

"JUVENTUDE, HOJE" e "PROSELITISMO NA AMÉRICA LATINA".

Em 1985 - A reunião foi em Bogotá, Colômbia. Os participantes de vários países foram convidados a apresentar seus trabalhos

sobre "Judeus e Católicos no ensino de suas respectivas Comunidades". Também se refletiu sobre a problemática sócio-econômica na América Latina.

Em 1990 - O CELAM voltou a reunir-se em BUENOS AIRES, Argentina, com representantes da B'nai B'rith, para estudar o documento "A IGREJA E O RACISMO", da Comissão "JUSTIÇA E PAZ". Estiveram presentes membros da "CONFRATERNIDADE JUDEO-CRISTIANA" do Uruguai, e, da Argentina, houve participação de membros do GRUPO ENCONTRO e de CEDIN, um centro para o Diálogo, recém inaugurado.

O impulso dado por essas reuniões se faz sentir até hoje, em Costa Rica, na Argentina, no Chile, no Uruguai e no Brasil, através das FRATERNIDADES CRISTÃS JUDAICAS de cada um desses países, - cada uma com sua História e seus líderes "vocacionados" para a tarefa, como sendo o Pe. Carlos Cucetti, na Argentina, colaborando com o rabino Shlesinger, o Capitão Palomeque e a senhora Maruja Lura de Villanueva - todos já falecidos, e aquelas pessoas que estão, no momento, reativando o movimento naquela terra. O Sr. Boris Kalnicki, a Irmã Marta de Sion e seus colaboradores.

Não poderia deixar de citar, na Argentina, um trabalho de 25 anos, promovido pelo rabino Marshal

Meir, fundador do Seminário Rabínico Latinoamericano e o grupo ISER, do qual participaram professores do ISEDET (Instituto de Estudos Superiores Teológicos) e alguns sacerdotes católicos, assim como aquela que lhes fala. Vivi estes 24 anos na Argentina, e sou testemunha dos esforços que aí se fizeram pelo Diálogo até chegar a se constituir, em 1989, uma Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo, da CEA (Conferência Episcopal Argentina). A Sinagoga Emanu-El prestou o seu apoio, através do rabino Ruben Nisembom, e antes, do tão citado Léon Klenicki, ao chamado "Grupo Encontro" que vivenciou o espírito "Paróquia - Sinagoga, no intercâmbio existencial e no plano do conhecimento e amizade, de participação recíproca em significativas liturgias. Do lado católico, foram 15 anos de preparação de futuras professoras de Religião em Ecumenismo e Diálogo - trabalho que está sendo continuado pela Irmãs de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup>. de Sion, que fundamos um *CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS* com abertura para o Judaísmo, no qual colaboram professores judeus dos quais o primeiro foi o nosso muito estimado rabino Dr. Simon Moguilevsky que também nos abriu as portas da Sinagoga Libertad - a mais antiga de Buenos Aires.

As Instituições Judaicas com sede em Buenos Aires apoiaram esse trabalho, em estreita colaboração com a parte católica.

**No Brasil**, tive a felicidade de ver nascer a Fraternidade, da qual fui o primeiro membro católico, além do presidente, Pe. Calixto Vendrame, e do Dr. Fritz Pinkus, iniciadores do movimento que, a seguir, foi assumido pelo Pe. Humberto Porto, o Rabino Sobel, o Dr. Hugo Schlesinger, a Irmã Isabel Wilken, de Sion - de saudosa memória - e todos os que o Dr. Carlos Barbouth terá citado.

**Do Uruguay**, desejo nomear um amigo, pioneiro neste trabalho em que está até hoje, o Sr. Lionel Veríssimo. **No Chile**, o Cardeal Silva Henriquez que deu pleno apoio ao Rabino Angel Kreiman, argentino que trabalhou lá, durante 20 anos.

Poderia dizer muito mais... Quero terminar, porém, lembrando que para essas tarefas, em todo o tempo, Deus suscita pessoas com uma carisma especial, "profético", como dizemos, para que se cumpra seus desígnios.

A DECLARAÇÃO NOSTRA AETATE e tudo o que a ela se seguiu, pode acontecer, em consequência de um encontro entre duas personalidades "carismáticas", sobre as quais quero referir-me. Dois homens que se entenderam as mil maravilhas. Dois homens que morreram com um pequeno intervalo

de diferença; dois privilegiados de Deus, que se chamaram João XXIII e Jules Isaac. Sobre eles, a Irmã Esperanza Mary, de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup>. de Sion, escreveu um livro do qual cito algumas linhas:

Jules Isaac conta sua entrevista com João XXIII: "O dia 13 de junho foi o grande dia - o da audiência pontifícia. Sentia, mais do que nunca, a audácia do meu empreendimento, porque o problema do ensino católico, que eu ia tratar, é um problema infinitamente mais complexo que o da liturgia: já não se refere ao dogma, senão a uma tradição mais que milenária... Fui conduzido até à sala que precede o escritório-biblioteca onde João XXIII recebe. Segui-se uma longa espera... Por fim, mais ou menos às 13 hs.15, chegou a minha vez. O Papa nos recebe de pé, em frente da porta que se acaba de abrir. Eu me inclino e João XXIII me dá, simplesmente, um cordial aperto de mãos. Eu me apresento como não-cristão, promotor das 'AMITIÉS JÚDEO-CHRÉTIENNES' da França e como um velho muito surdo.

O Papa me oferece um sofá, perto dele; é a simplicidade em pessoa, e esta simplicidade contrasta de maneira singular com o fausto da decoração e do cerimonial precedente. Não parece tão cansado; mostra-se sorridente; seu olhar é luminoso, um pouco malicioso, revelando um bondade que inspira

confiança. Segundo está previsto, é ele que começa a conversação, com vivacidade, falando da sua devoção ao Antigo Testamento; os Salmos; os Profetas, o livro da Sabedoria... Manifesto a ele a grande esperança que as medidas tomadas por ele despertaram no coração do povo do Antigo Testamento... Explico como se foi formado o que chamo de 'ensino do desprezo' que ainda subsiste. Felizmente - acrescento - uma contra-corrente purificadora parece fortalecer-se dia a dia. Entre essas duas tendências contrárias, a opinião católica parece dividida e hesitante... Passaram-se mais de vinte minutos; chegamos ao final da entrevista... Ao manifestar-lhe toda a minha gratidão pela acolhida dispensada, lhe pergunto se posso levar comigo uma parcela de esperança... ao que ele exclama: 'O senhor tem direito a algo mais que uma esperança!'... E acrescenta, sorrindo: 'Eu sou o chefe, mas tenho que consultar também as autoridades competentes e fazer com que as equipes estudem as questões propostas: aqui não vivemos em monarquia absoluta'... e nos despedimos com um novo e forte aperto de mão."

Sabemos do caminho que levou a resposta ao pedido de Jules Isaac: a trajetória de NOSTRA AETATE. Mas, nem Jules Isaac nem o Papa João XXIII chegariam a conhecer resultado da Declaração, aprovada

pelos Padres Conciliares. No dia 3 de junho de 1963, faleceu o grande Pontífice: sua oração suprema foi a de toda a sua vida: "Que todos sejam UM". Jules Isaac estava muito doente, com uma fraqueza crescente que não perdoou ao velho lutador. Entretanto, ao saber da morte de João XXIII, escreveu seu último artigo "Uma homenagem a João XXIII", publicou na revista judaica: "L'arche". O artigo termina assim: "E agora, aconteça o que acontecer um novo e profundo sulco se abriu na vida religiosa do Judaísmo e do Cristianismo. Nada poderá suprimi-lo. Esteja a nossa gratidão à altura da obra cumprida.

João XXIII permanece presente mais do que nunca entre nós. Deus o tenha em sua graça".

Jules Isaac morreu algumas semanas mais tarde, em agosto de 1963. *Deus quis uni-los na vida e na morte.* Poder-se-ia aplicar a ambos as palavras que, no elogio fúnebre de João XXIII pronunciou, em Milão, o Cardeal Bea: "O inesquecível Pontífice deixou ao mundo algo que não poderá morrer com ele".

Este algo, é o espírito que informou o Concílio Vaticano II, e, no nosso caso, o espírito de NOSTRA AETATE, desenvolvido e vivenciado no correr desses 30 anos.

Procurei, nessa palestra, mostrar a abertura oficial dos "caminhos" do Diálogo entre Judeus e Cristãos, especialmente sua evolução no que diz respeito à América Latina.

Agora, nos resta unicamente, dizer: "VINDE, REFLITAMOS JUNTOS" (Isaías, 1,18).

Pois o caminho não foi e não é fácil. O mesmo diálogo que suscitou a atitude, terá que sustentá-la. "O sonho de ontem é o compromisso de hoje".

Cristãos e Judeus, no país em que vivemos, graças a Deus, pacificamente, temos, entretanto, muitas barreiras que superar: ir ao encontro daquele que necessita ajuda, promover a saúde, erradicar a pobreza, preocupar-nos pela educação, desenvolver as potencialidades da nossa gente. Se refletirmos juntos sobre o ateísmo, o materialismo, a intolerância, a violência, o fanatismo, *então estaremos pondo em prática os sonhos messiânicos*, próprios de cada uma das nossas Tradições, como filhos daquele Pai comum que está nos Céus...

Irmã Alda é Religiosa de Nº Srª. de Sion e Presidente da Fraternidade Cristão/Judaica - RJ

## NOSTRA AETATE E O DIÁLOGO RELIGIOSO DESDE UMA PERSPECTIVA JUDAICA\*

Dr. Carlos A. Barbouth

Shalom! Paz! Devo antes de mais nada agradecer à tão dinâmica Regional do Rio de Janeiro, pelo convite para apresentar um ponto de vista judaico sobre Nostra Aetate, sobre os seus frutos e sobre os desafios que ainda temos pela frente. O mero fato de nós, judeus e cristãos, estarmos refletindo juntos aqui na Sinagoga da Associação Israelita, à convite de um órgão da CNBB, sob os auspícios da Arquidiocese do Rio de Janeiro, dá testemunho sobre a copiosidade desses frutos!

Gostaria de começar citando uma frase do Rabino Henry Sobel para colocar o assunto na perspectiva histórica: "Basta lembrar como era o clima antes do Concílio Vaticano II. Após 19 séculos de discórdia e perseguição, os judeus viam a Igreja como eterno adversário, fonte primordial do anti-

semitismo cristão. Os católicos, por sua vez, acreditavam que os "assassinos de Cristo", tendo rejeitado o Salvador, haviam invalidado sua aliança com Deus. É possível imaginar dois povos mais distantes um do outro?"<sup>1</sup>.

Shalom! Paz!. Nostra Aetate, como a nossa saudação de paz, é simples e precisa. Com estas palavras o Cardeal Edward Cassidy, Presidente do Pontifício Concílio para a Unidade dos Cristãos e da Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo, deu início à sua palestra há cinco anos atrás em São Paulo, no ato de celebração do Jubileu de Prata deste, o mais breve e, talvez, o mais controverso dos Documentos Conciliares<sup>2</sup>.

Nostra Aetate é certamente breve e simples. Porém, devemos ter presente que ela precisa ser lida no contexto de outros documen-

\* (Palestra do Dr. Carlos A. Barbouth, proferida na mesa redonda sobre "Os 30 Anos de Nostra Aetate", VI Assembleia Anual da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1995)

1. Sobel, Henry : "25 Anos de Nostra Aetate", *Rev. Encontro* 24, 1990, Conselho de Fraternidade Cristã-Judaica, São Paulo.

2. Cassidy, Edward I., Palestra proferida em São Paulo no dia 5 de novembro de 1990.